

Professora: **Katia Bomfiglio Espindola**

EMEF Dep Marcirio Goulart Loureiro – Porto Alegre/RS

Título

Conta uma História?! – um projeto pró-inclusão escolar, literatura e acessibilidade

Resumo

O Conta uma História?! é um projeto de promoção da inclusão escolar e das acessibilidades (institucional, atitudinal, cognitiva e arquitetônica) através da literatura, elaborado e desenvolvido pela Sala de Integração e Recursos (SIR/AEE) da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dep. Marcirio Goulart Loureiro, localizada na cidade de Porto Alegre.

O projeto envolve 25 estudantes com deficiências ou transtornos do desenvolvimento vinculados à SIR e funciona da seguinte forma: cada aluno convida uma pessoa da comunidade escolar (professor, aluno, funcionário ou familiar) para contar uma história literária, a qual é gravada em vídeo, exibida para os alunos e compartilhada nas páginas do projeto e da escola no Facebook.

O Conta uma História?! visa ampliar a acessibilidade à literatura e à leitura, potencializar o processo de alfabetização e letramento dos alunos de inclusão e estimular as interações, trocas e experiências sociais, fomentando uma cultura escolar mais inclusiva.

Planejamento

Conta uma História!?

Meu nome é Katia, tenho 42 anos e atuo na área da educação especial desde os 19 anos, quando ingressei na Universidade Federal de Santa Maria para cursar Educação Especial. Atualmente trabalho na Sala de Integração e Recursos (SIR) da EMEF Dep. Marcirio Goulart Loureiro, que pertence à rede municipal de ensino de Porto Alegre, que se organiza por Ciclos de Formação. A SIR é o serviço responsável por realizar o atendimento educacional especializado (AEE) e o assessoramento da inclusão escolar de 25 estudantes com deficiência intelectual, deficiência múltipla e transtorno do espectro autista matriculados na escola. Destes 25, 13 estudantes frequentam os três primeiros anos do ensino fundamental, chamado de primeiro ciclo, cujo foco principal é a alfabetização e o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático.

Considero a educação inclusiva a melhor proposta de ensino-aprendizagem para todos os estudantes (com e sem deficiência). O conviver e o estudar juntos é uma potente ferramenta para a construção de uma sociedade menos preconceituosa e mais acolhedora das diferenças e da neurodiversidade humana. Os alunos sem deficiência que hoje compartilham suas trajetórias escolares com colegas que fogem do padrão de normalidade serão adultos mais sensíveis à causa da inclusão social, que faz parte de uma discussão mais ampla, que é a dos direitos humanos.

Para fomentar a cultura escolar inclusiva e a ampliação das acessibilidades (institucional, atitudinal, cognitiva e arquitetônica), anualmente desenvolvo projetos que envolvam vários segmentos da comunidade escolar, estabelecendo parcerias com professores, funcionários, colegas e familiares dos meus alunos. Foi nessa perspectiva que nasceu o projeto Conta uma História?!, derivado da necessidade de estimular as interações e experiências sociais, de ampliar

a acessibilidade à literatura e à leitura, e potencializar o processo de alfabetização e letramento dos alunos de inclusão.

O projeto prima pela participação dos alunos em todas as etapas e foi organizado da seguinte forma:

1. O aluno escolhe uma pessoa da comunidade escolar (professor, aluno, familiar ou funcionário) para ser o seu convidado a ler uma história e gravar essa contação em vídeo.
2. Uma carta-convite é redigida e entregue ao convidado.
3. Um livro de histórias é escolhido.
4. Preparação da gravação.
5. Gravação da contação da história.
6. Edição do vídeo.
7. Compartilhamento do vídeo na página do projeto e da escola no Facebook.
8. Apresentação dos vídeos para as turmas dos alunos da SIR.
9. Realização de atividades de leitura e escrita derivadas das histórias publicadas.

No Conta uma História?! os livros são as estrelas, são poderosos instrumentos catalisadores de inclusão, de interação social e de aprendizagem. O objetivo é que a literatura seja protagonista na construção de uma escola mais inclusiva. As histórias contadas e compartilhadas tornam-se um elo, um ponto de contato entre os alunos e seus convidados, aproximando-os. Esse encontro literário, que fica gravado em vídeo (com imagens e sons), vai poder ser visto e ouvido inúmeras vezes e abrangerão um ilimitado número de pessoas, para além das fronteiras da escola.

As histórias contadas também vão potencializar os processos de alfabetização, letramento e várias outras habilidades e competências, como a compreensão, atenção, interpretação, imaginação e abstração. Utilizar um convidado para emprestar a leitura de uma história é trabalhar na zona de desenvolvimento proximal (conceito desenvolvido por Vygotsky) dos alunos, é investir na potencialidade de aprendizagens que ainda estão em processo (no caso, a leitura), mas que podem ser alcançadas através da orientação e mediação de uma outra pessoa. A grande inspiração para o surgimento do projeto Conta uma História?! foi um vídeo produzido pela Fundação Saramago, que tem a cantora Adriana Calcanhoto lendo *O lagarto*, livro de J. Borges e José Saramago (<http://www.publico.pt/multimedia/video/o-lagarto-de-jose-saramago-lido-por-adriana-calcanhoto-20170406-131538>).

Este vídeo nos mostrou a potência da literatura em formato audiovisual, pois amplia o acesso à leitura para alunos com deficiência e que ainda não se apropriaram da leitura. O projeto também nos instigou a pesquisar e conhecer vários canais de contadores de histórias, como o trabalho de Sherazade e da Fafá Conta, que possui um canal de contação no Facebook. Um dos objetivos e uma meta do projeto Conta uma História?! é divulgar a literatura em formato digital e acessível, que é um direito garantido pela Lei Brasileira de Inclusão (2016).

Em agosto de 2017 foi firmado Termo de Ajustamento de Conduta entre o Ministério Público Federal e o Sindicato Nacional de Editora de Livros, que prevê que todas as publicações devem ser ofertadas em formato acessível até o final do ano. Essa medida vai permitir o acesso à literatura para mais de 6 milhões de brasileiros com deficiência visual, intelectual, paralisias e amputações de membros. Os vídeos do nosso projeto são uma pequena contribuição à causa. Nosso objetivo é ir agregando acessibilidades aos vídeos, fazendo uso de audiodescrição, legendas, Libras e arquivo de áudio.

Num primeiro momento, o Conta uma História?! seria desenvolvido apenas para os alunos do primeiro ciclo. Mas, a partir dos processos experenciados e dos bons resultados de mobilização das pessoas na escola, decidi ampliar o projeto para todos os alunos de inclusão. O gerenciamento do projeto ficou sob a minha responsabilidade, mas conta com a participação direta dos alunos e seus convidados, sejam eles professores, familiares ou alunos da EMEF Marcírio. Neste relato o enfoque será no processo experenciado com os alunos dos três anos iniciais do ensino fundamental, em respeito à categoria de inscrição.

Diagnóstico

A EMEF Marcírio está localizada na região leste da cidade de Porto Alegre, no Morro da Glória, mais conhecido como Morro da Polícia, por ser uma área escolhida como residência por policiais civis e militares, pois no entorno há quartéis, cavalarias e o presídio central. É uma região de paisagens deslumbrantes, mas pouco conhecidas pela maioria dos porto-alegrenses devido às questões de insegurança e violência. A urbanização segue em expansão, sendo que as áreas mais novas enfrentam problemas de fornecimento de água e luz. A comunidade tem tradição em mobilização e engajamento social e político para melhorar os serviços e recursos do bairro. Um problema local histórico é o acesso à saúde: há mais de 10 anos é pedido um novo posto de saúde, pois os existentes estão com a capacidade de atendimento esgotada. A EMEF Marcírio é um dos resultados das demandas comunitárias, tendo sido construída há 30 anos atrás. É uma escola respeitada e valorizada pela comunidade, que disputa as 940 vagas da instituição, que oferta ensino fundamental completo (com educação integral nos três anos iniciais) e Educação de Jovens e Adultos.

O serviço de educação especial da EMEF Marcírio é oferecido pela SIR e tem alta demanda, com vagas sempre lotadas. Em 2017 a SIR conta com um grupo de 25 alunos (17 meninos e 8 meninas), com idades entre 6 e 19 anos, estudando em 16 diferentes turmas da escola Marcírio: 13 alunos nos 1º, 2º e 3º anos, 8 alunos nos 4º e 5º anos e 4 alunos nos 6º a 9º anos (ver anexo 1). Todos apresentam necessidades educativas especiais e fazem parte do público-alvo da Educação Especial definido pelo MEC. Dos 25 alunos, 15 tem deficiência intelectual, 5 estão no espectro do autismo (um deles com associação de altas habilidades e transtorno opositivo desafiador e dois com deficiência intelectual associada), 2 alunos tem síndrome de Down e 3 alunos tem deficiência múltipla (intelectual e física, e baixa visão e intelectual). O maior número de alunos de inclusão se encontra nos 3 primeiros anos do ensino fundamental: 5 estudam no 1º ano, 4 no 2º ano e 4 no 3º ano. São casos complexos, com presença de comorbidades, transtornos de conduta, comportamentos agressivos e dificuldades de interação social. Um facilitador do processo de inclusão escolar destas crianças é que a maioria das famílias é comprometida e presente no cotidiano escolar. As crianças demonstram um bom vínculo com o trabalho desenvolvido na SIR, são assíduas e participativas nos projetos de trabalho, organizados em Planos de Desenvolvimento Individual (PDI). No AEE, o foco não são as deficiências em si, mas sim as diferenças, as singularidades, as possibilidades e as potencialidades de cada um. É a partir do conhecimento de todos e de cada um que os PDIs são organizados, levando em consideração as demandas escolares e as interlocuções com professores e coordenação pedagógica.

Como em todo início de ano letivo, em março e abril realizei sondagens sobre as hipóteses e níveis de desenvolvimento da leitura e da escrita de meus alunos, tendo por referência a *Psicogênese da Língua Escrita* (obra de Emília Ferreiro e Ana Teberosky). As crianças realizaram ditados de palavras e frases, autoditados a partir de imagens, leram suas produções e interagiram

com diversas propostas de livros (com texto e imagens, só texto, só imagem e fotografias). Os Estudos Culturais foram a perspectiva teórica utilizada para analisar a significação social da leitura e da escrita, o letramento e a inserção destes sujeitos na cultura letrada. O interesse de meus alunos por livros e histórias era explícito e a literatura foi sendo usada cada vez mais utilizada para disparar as atividades nos encontros de AEE. Porém, a maioria dos alunos ainda não estava alfabetizada e se encontrava na hipótese de escrita e leitura pré-silábica e silábica. Apenas uma aluna já havia se apropriado do sistema alfabético e tinha autonomia para ler livros de história.

Diante do panorama aqui exposto e fazendo uso dos conhecimentos adquiridos em cursos ofertados pelo Programa de Alfabetização Audiovisual da UFRGS e Secretaria de Educação, elaborei o projeto chamado Conta uma História?!, articulando a inclusão escolar, a literatura, a leitura, o vídeo e a acessibilidade. Ao final do projeto, teremos um catálogo de 25 títulos literários em forma de contação de histórias, que poderão ser acessadas na escola ou fora dela.

Desenvolvimento

Antes de iniciar o relato das ações desenvolvidas, gostaria de deixar claro que o nome do projeto Conta uma História?! não está mal escrito ou com erro de pontuação. O ponto de interrogação e o ponto de exclamação estão juntos propositadamente. Por quê? Porque o título contém, ao mesmo tempo, uma pergunta-pedido-convite e uma exclamação de alegria, de agradecimento pela generosidade do convidado e de expectativa com história que está por vir.

O projeto iniciou em abril de 2017 e a meta era finalizar os vídeos e apresentá-los para as turmas dos anos iniciais até julho. Porém, devido ao engajamento dos alunos e dos convidados, da avaliação positiva por parte da equipe diretiva e da repercussão dos vídeos na comunidade escolar, decidimos ampliar o projeto para todos os alunos de inclusão, o que acarretou na ampliação do tempo de desenvolvimento das atividades de produção dos vídeos e de imersão e exploração das histórias. A previsão é desenvolver o Conta uma História?! até abril de 2018, quando estaremos fechando um ano de trabalho.

Diante do redimensionamento explicitado no parágrafo anterior, o público do projeto acabou se tornando bastante amplo, como deve ser a inclusão: mais de 400 pessoas da escola estão diretamente envolvidas nas ações do projeto (25 alunos matriculados na SIR, mais 25 convidados, mais 16 turmas de ensino fundamental, onde estudam os alunos de inclusão), fora as pessoas que acompanham o projeto acessando os vídeos pela página do projeto e da escola no Facebook, com mais de mil seguidores.

Para uma melhor compreensão da proposta do projeto, realizei um vídeo-piloto, que acabou se tornando o primeiro episódio do projeto. A minha convidada foi a professora Ana Maria, contadora de histórias da biblioteca e professora do Laboratório de Aprendizagem. A história gravada foi *É mentira da barata?*, de autoria de Leo Cunha (livro Histórias de Cantigas, da Ed. Cortez), inspirada em uma tradicional cantiga infantil. Na montagem do vídeo inseri a referida música, buscando mobilizar diferentes linguagens e percepções. O resultado foi publicado no início do mês de maio, e pode ser conferido no endereço: <https://www.facebook.com/contaumahistoriamarcirio/videos/370252780038706/>

A realização do vídeo-piloto em parceria com a biblioteca aproximou o AEE das atividades deste espaço tão importante para o fomento à leitura e à divulgação da literatura. Durante o primeiro

semestre alunos da SIR foram convidados a acompanhar o evento Amores e Sabores, com declamação de poemas de Sérgio Caparelli – o patrono de nossa biblioteca –, com degustação de frutas diversas. No cardápio, as poesias do livro Poesia de Bicicleta (fotografias no anexo 3).

Para sensibilizar os alunos e ilustrar a proposta de trabalho, assistimos ao vídeo da contação de história da Adriana Calcanhoto lendo o livro infantil de José Saramago e exploramos na internet diversos trabalhos de outros contadores, a fim de ampliar o repertório dos alunos. A variedade de atividades desenvolvidas com os alunos serviu para mobilizar e despertar o interesse e o engajamento deles no projeto. O processo de planejamento cada aluno foi pensado individualmente, a fim de que todas as etapas do trabalho fossem adequadas aos níveis de desenvolvimento e de aprendizagem, para que todos pudessem participar e aproveitar ao máximo.

A escolha dos convidados pelos alunos teve um viés predominantemente afetivo, baseado em vínculos já estabelecidos ou desejados. Apenas um dos alunos justificou sua escolha com um critério técnico: convidara a professora de português por ela ser uma especialista da área da literatura. Foram convidadas pessoas de todos os segmentos da comunidade escolar: professores, mães, avós, oficinairos e alunos.

Realizada a escolha dos convidados, os alunos elaboraram um convite por escrito, a ser entregue em mãos (anexo 2). Tivemos o cuidado de escrever em letra bastão (formato de letra reconhecido por eles), com fonte em tamanho grande e bom espaçamento entre linhas. Os alunos quiseram colocar uma foto deles junto ao texto. Após personalizarmos cada cartinha, fizemos as entregas dos convites oficiais aos escolhidos (fotografias no anexo 2).

A escolha das histórias a serem contadas foi feita de variadas formas, de acordo com o jeito de cada dupla aluno-convidado. Em alguns casos, a história foi escolhida pelo convidado. Em outros, o aluno também participou. E houve caso de o aluno indicar o livro que gostaria que fosse lido. A escolha do estilo da história, autor e temática ficaram livres. A biblioteca da escola foi o lugar sugerido para realizar pesquisas e buscar inspirações literárias.

Após a escolha da história foram pensados os cenários e os recursos necessários para as gravações. Essas decisões levaram em conta as singularidades do livro, do aluno, do convidado, as condições de possibilidade do ambiente escolar e os recursos técnicos disponíveis. Utilizei minha câmera fotográfica pessoal para gravar as imagens e consegui emprestados os microfones de lapela para gravar o som o professor do clube de ciências da escola. Até o momento, as gravações das histórias aconteceram em diferentes espaços: na biblioteca, na SIR, no jardim da educação ambiental e em uma escadaria no morro, ao lado da escola. Esse é um momento do projeto que chama a atenção de muita gente no ambiente escolar, pois envolve equipamentos de filmagem, microfones, ensaios e vários *takes* para chegar a um bom resultado. Os alunos aproveitam e curtem muito esta etapa, costumam se sentir importantes e empoderados pela atenção e admiração despertada nas pessoas da escola por uma atividade que eles estão realizando e da qual são personagens principais (fotografias no anexo 3).

As histórias gravadas até o presente momento foram:

- *É mentira da barata?* (de Leo Cunha, em Histórias de Cantigas, ed. Cortez).
- *Dez Casas e um poste que Pedro Fez* (de Hermes Bernardi Jr, ed. Projeto).

- *O Rato do Campo e o Rato da Cidade* (de Jean de la Fontaine, em Fábulas de Esopo, da ed. Scipione). O vídeo pode ser conferido no *link* abaixo: <https://www.facebook.com/contaumahistoriamarcirio/posts/404476529949664>

- *Da minha praia até o Japão* (de Márcio Vassallo e Bebel Callage, pela Global Editora).

- *A Casa Feia* (de Mary e Eliardo França, ed. Ática).

A criatividade rola solta durante as gravações. Exemplo disso foi a contação do livro *Dez casas e um poste* que Pedro fez, para a qual a professora Cláudia (referência do 2º ano) criou um material gráfico baseado no enredo da história, visando ilustrar, ampliar a compreensão e estimular a participação da aluna durante a contação. Enquanto a professora lia a história, a aluna montava o cenário das casas criadas, coloridas e numeradas pelo personagem Pedro. Outro exemplo foi a gravação do aluno Gabriel de sua avó Isabel, que contaram juntos o livro *A Casa Feia*, de Mary e Eliardo França. A dupla trouxe para a gravação um avental de feltro, onde eram fixados os personagens e o cenário à medida em que a história ia acontecendo, tudo confeccionado por eles. Muito legal e criativa esta ideia, que rendeu muito tempo de convivência entre eles e dedicação em prol de um objetivo comum.

Na página do projeto no Facebook, há um vídeo chamado Conta uma História, Ricardo?!, que tem um formato diferente dos demais, por não ser uma contação de história a partir de um livro. É uma contação a partir de uma história da vida. O Ricardo é o diretor da EMEF Marcirio e no vídeo contou quem foi o deputado Marcirio Goulart Loureiro, patrono da escola, que era desconhecido pela grande maioria dos estudantes, professores e funcionários. É fundamental conhecermos nossa história e nosso passado, para compreendermos o presente e perspectivar o futuro. O vídeo pode ser conferido no seguinte *link*: <https://www.facebook.com/contaumahistoriamarcirio/videos/379399529124031>

A etapa posterior à gravação foi a edição das imagens e dos sons. Esta é a única etapa que ainda não conta com a participação dos alunos, devido à escola não ter recursos tecnológicos e financeiros. Realizo esta parte do trabalho em meu computador pessoal, em casa. O ideal seria ter a participação dos alunos, pois editar imagens colabora no desenvolvimento da criatividade, da organização do pensamento, da flexibilidade cognitiva e de noções de sequência, de narrativa, linguagem e lógica. Assim que houver condições técnicas, a ideia é que os alunos também participem da edição, montagem e seleção de trilhas sonoras.

Finalizada a edição, é chegada a hora da divulgação do material produzido. Os vídeos são postados nas páginas do projeto e da escola no Facebook, que podem ser acessadas em <https://www.facebook.com/contaumahistoriamarcirio> e <https://www.facebook.com/escolamarcirio>. Na escola, os vídeos são exibidos para as turmas dos alunos participantes do projeto. Neste momento o aluno da SIR é protagonista, fala sobre a história contada, o convidado e a gravação, compartilhando à sua maneira as experiências vividas. A turma tem a oportunidade de conhecer melhor aquele colega, aproximar-se e demonstrar valorização pelo trabalho realizado. As turmas costumam curtir muito a experiência de ver o colega e outros conhecidos na tela grande e geralmente pedem para exibir mais de uma vez. A fábula *O Rato do Campo e o Rato da Cidade*, por exemplo, gerou reflexões sobre a importância das coisas simples da vida e da valorização do que se tem. A música Trem-bala, de Ana Vilela, que coloca em poesia questões similares à da história, foi a trilha sonora deste episódio. Os alunos do primeiro ano gostaram tanto da música que o professor de música irá

ensaiá-la com a turma para apresentar no evento Construtores da Paz, a ser realizado na escola em setembro.

O Conta uma História?! é um projeto que é roupa feita sob medida, como diria João Cabral de Melo Neto. Sob medida e artesanal. Inclusão é artesanato, cada aluno exige uma obra tecida à mão e personalizada. Um dos maiores cuidados durante a realização do projeto foi e é garantir a máxima participação dos alunos em todas as fases do projeto: redigir o convite para o escolhido, entregá-lo ao convidado, sugerir e escolher a história, gravar uma apresentação, participar da gravação.

A cada história contada nosso acervo literário acessível toma forma, corpo e volume. A cada nova história os alunos ampliam seus repertórios literários de autores, ilustradores e descobrem novas formas de narrar as coisas da vida e do mundo fantástico e ilimitado da imaginação. Os livros são seguidamente revisitados e vários alunos já se arriscam na arte da contação. A cada história as pessoas mais e conhecem e se aproximam. Percebemos nos alunos um sentimento de mais estima e confiança em si, o estreitamento de laços com os convidados, com seus pares. O projeto Conta uma História?! tem nos proporcionado acontecimentos, encontros, amizades e aprendizagens.

Avaliação

Aprendizagem

Uma escola é um organismo vivo e mutante, que necessita ter espaços e tempos para pensar, reconsiderar e aprimorar seus fazeres. No contexto pedagógico avaliar não deve significar julgar ou hierarquizar alunos e aprendizagens. O ato de avaliar deve ser um momento de reflexão para contribuir para a qualificação e redimensionamento do processo de ensino e de aprendizagem.

No Conta uma História?! aconteceram mudanças e reorganizações em todas as etapas, visando qualificar o trabalho e adequar o projeto às possibilidades da vida real da escola e dos alunos. A vivência do pressuposto de flexibilidade – um conceito importante quando pensamos em práticas de inclusão escolar e aprendizagem de pessoas com deficiência – facilitou-nos fazer um processo avaliativo transversal e paralelo a todo o processo. Todos os nossos passos eram novidades, pois produzir vídeos na SIR era a primeira experiência tanto para a professora quanto para os alunos.

Os objetivos e conceitos principais do projeto inclusão, interação social, acessibilidade e aprendizagem da leitura e da escrita através da literatura estiveram presentes em todos os momentos e ações realizadas. Posso afirmar com tranquilidade que meus alunos ampliaram suas relações, estreitaram os laços com seus convidados, aumentaram a intimidade com os livros, ousaram se expor em frente às câmeras e ao público, evoluíram na expressão oral e vários avançaram em seu processo de alfabetização. Mas a maior recompensa foi perceber os alunos mais felizes e mais confiantes em seus potenciais.

Uma das metas do Conta uma História?! era a de fomentar a convivência e a interação social dos alunos com deficiência através da mediação da arte literária, que tem o poder de encantar e capturar a atenção e a imaginação. Contar uma história foi uma experiência planejada para aproximar os alunos das pessoas, expandir seu círculo de relações e dar visibilidade às potencialidades destes sujeitos. Acredito que todos na escola são partes importantes do

processo de incluir e de ensinar, isto não pode ser tarefa restrita da educação especial, pois se for, não estamos falando de inclusão.

Um dos ensinamentos que os alunos deixaram explícito foi o da importância do vínculo afetivo e de confiança entre as pessoas para a qualificação da inclusão na escola. Para construir vínculos é preciso sair da invisibilidade e da indizibilidade, pois é necessário conviver, viver junto, interagir. A taxa de adesão aos convites para contar uma história foi de 100% até o presente momento. Os convidados escolhidos pelos alunos foram generosos parceiros na execução do projeto, doando suas imagens, vozes, tempo, conhecimentos e afetos.

A cada história, a cada nova dupla de aluno e convidado, renovou-se a percepção de que este projeto contribui para a aprendizagem da importância da literatura, do livro, da leitura e da escrita em nossas vidas. Observamos que os alunos estão mais frequentes na biblioteca e retirando mais livros.

Na educação inclusiva o multiletramento é altamente importante para a alfabetização e para as aprendizagens em geral. Alguns dos alunos da SIR não só se beneficiam, mas exigem o uso de tecnologias assistivas e recursos de acessibilidade. Ampliar as formas de acesso e de compreensão aumentando as possibilidades de percepção e de apropriação do conhecimento justifica o uso do vídeo como suporte de fixação das histórias. Além disso, o vídeo tem tudo a ver com a cultura digital da contemporaneidade e atrai muito a atenção das crianças e adolescentes, funcionando como um motivador.

Considero que o registro em vídeo das histórias foi um recurso de acessibilidade importante para alunos, pois ampliou a acessibilidade ao texto para uma ampla gama de alunos com alguma necessidade educativa especial (alunos com deficiência intelectual, comprometimentos motores severos, alunos que ainda não leem sozinhos, que não enxergam ou tem baixa visão, por exemplo). A meta para os próximos vídeos é inserir mais recursos de acessibilidade, como audiodescrição, arquivos em áudio e legendas, assim como aprimorar as técnicas de captura e edição de imagens.

Produzir vídeos das histórias contadas também foi uma forma de propiciar uma maior equidade de acesso à literatura e ao conhecimento. A Lei Brasileira de Inclusão, publicada em 2016, garante o acesso à cultura em igualdade de oportunidades, sendo o formato acessível imprescindível quando se trata de uma obra literária. A inclusão precisa ser vivida, lida, falada e pensada por toda a escola. Costumo dizer que o uma parte importante do meu trabalho é pensar e promover a inclusão da porta da SIR para fora, porque ali dentro a inclusão e o acolhimento às diferenças já está dado.

Gostaria de dar vida e acesso ao maior número de histórias possíveis, mas o tempo e os recursos materiais necessários para viabilizar esse sonho ainda não são condizentes com as necessidades. Mas as dificuldades não irão nos imobilizar! Ao final de um ano de trabalho, a EMEF Marcílio terá, no mínimo, 25 histórias contadas, gravadas e disponibilizadas para a sua comunidade escolar. E muita gente terá usufruído da literatura, aprendido novos saberes e evoluído neste processo.

Por fim, gostaria de fazer minhas as palavras de Boaventura de Souza Santos: “Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando

a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”.

Reflexão

A experiência do projeto Conta uma História?! tem totais condições de ser realizada em outras escolas. Para tanto, precisa de livros, pessoas e recursos mínimos de tecnologia. Estes últimos são os maiores entraves nas escolas públicas, devido à necessidade de investimento financeiro para a aquisição de instrumentos de captação de áudio e vídeo. Porém, isso não é um impeditivo, graças à popularização dos *smartphones*, que gravam sons e imagens com qualidade satisfatória para o uso escolar.

O professor que se aventurar no uso do audiovisual para promoção da literatura, da alfabetização e da inclusão viverá um processo muito prazeroso e estimulante, verá o brilho nos olhos de seus alunos e das pessoas convidadas. Todos se sentem motivados e valorizados ao terem um momento de leitura registrado e publicizado em vídeo. Os alunos passam a se interessar mais pelo mundo letrado e avançam em seus processos de alfabetização. Os convidados criam um vínculo com o aluno que extrapola o momento da história. E a escola avança na caminhada de se tornar cada vez mais inclusiva, de ser uma escola melhor para todos.